
Duas Sociologias Opostas:

Crozier e Bourdet*

Rene Lourau**

Entre o sociólogo das organizações e o sociólogo da autogestão, existe pelo menos um ponto comum. Ambos estão interessados nas formas concretas adotadas pela produção e reprodução das relações sociais na sociedade atual. As organizações industriais, mas também as organizações não produtivas – as administrações – são para eles o símbolo e a aposta da luta social.

Outro ponto em comum entre Crozier e Bourdet reside no objetivo prospectivo: ambos tentam acompanhar as linhas principais do desenvolvimento atual no futuro próximo ou distante. As transformações vividas pelas sociedades industriais e pós-industriais¹ são, de fato, as sementes de transformações mais radicais, mesmo de rupturas profundas.

É aqui que começa a divergência. Se Crozier tenta teorizar, a partir de suas observações, uma concepção reformadora da empresa, Bourdet vê nas formas e nos movimentos atuais e passados a matriz de uma revolução total das relações sociais. Se ambos são de certa forma “futuristas”, um é antes de tudo um planejador, e o outro se apega atrevidamente à corrente utópica que forneceu grandeza ao socialismo em suas origens.

* Tradução e Notas de Nildo Viana.

** René Lourau (1933-2000); foi Professor de sociologia na Universidade de Paris-VIII (em 1994), professor de ciência política e de ciências da educação na Universidade de Paris-VIII (em 1999). Um dos principais representantes da “Análise Institucional”, ao lado de Georges Lapassade, Michel Lobrot e outros; autor de diversos livros, entre os quais: *A Ilusão Educacional* (1969), *Análise Institucional* (1970), *Chaves de Sociologia* (1971, coautoria com Georges Lapassade); *O Sociólogo em Tempo Integral* (1976); *Intervenções Socioanalíticas* (1996).

¹ Aqui Lourau reproduz a linguagem dominante da época, na qual os sociólogos conservadores norte-americanos e franceses usavam o eufemismo “sociedade industrial” (com todas as suas implicações ideológicas, tal como se vê em Dahrendorf e Aron) e alguns avançavam no uso do termo “sociedade pós-industrial” (Daniel Bell, nos Estados Unidos, e Alain Touraine, na França) (NT).

Nenhum dos autores esconde suas referências políticas. Se Crozier fala com a voz calma de um sociólogo oficial, atuando em articulação com os responsáveis pela política francesa, Bourdet coloca no subtítulo de seu livro: “por uma teoria política da autogestão”. A sociologia das organizações, das quais Crozier é o representante mais conhecido na França, retoma o projeto original da sociologia oficial. Como Comte, Crozier vê no sociólogo uma espécie de “sociatra”² dedicado ao diagnóstico e à cura de certos males sociais. Ingenuamente, retoma o projeto de uma sociologia a serviço da política (o que não significa uma sociologia política, já que seu fundamento não é o sistema parlamentar, mas todo o sistema institucional). “Sobre a responsabilidade do sociólogo na nossa sociedade” é o título da introdução de seu livro, que sugere uma reflexão sobre o vago estatuto das ciências sociais. Meditação fundada numa concepção científica, e até mesmo cientificista, do trabalho sociológico. Mas, na verdade, uma meditação moral do início ao fim: exigindo do sociólogo uma infalível honestidade científica, Crozier considera seu trabalho uma espécie de “dever do Estado” (como dizem os cristãos sobre a necessidade de exercer uma profissão), que o impede de questionando a própria existência relativa (histórica e estruturalmente) do sociólogo na divisão do trabalho social.

“Uma renovação necessária do método intelectual”: título de um dos capítulos que acentua a inflexão sofrida pela pesquisa de Crozier. Há vestígios de Renan nessas fórmulas que misturam questões científicas com questões normativas. O mesmo se aplica aos dois textos anexos colocados em apêndice, um dirigido aos alunos, o outro relativo à saída do Presidente de Gaulle. Além das considerações científicas ou cientificistas (sobre ciência), o que preocupa Crozier, assim como a maioria de seus colegas sociólogos, grandes ou pequenos, governamentais ou opositoristas, reformadores ou revolucionários, é o significado a ser atribuído à crise de maio de 1968.

QUENTE E FRIO

A crise de maio, para os sociólogos e para os políticos do “meio termo”³, é uma boa ocasião para questionar as estruturas desatualizadas, o “mal-estar da administração”

² Um neologismo para tratar do sociólogo que atua de forma semelhante a um médico (diagnóstico, cura), buscando tratar das “doenças sociais”.

³ A expressão “juste milieu” tem vários significados e pode ser entendido como “meio termo” ou se referir à posição política moderada (NT).

e os “bloqueios” da empresa. O modelo histórico assustador desses reformadores iluminados é Kennedy e Galbraith, até mesmo Roosevelt e Burnham. Terá o casal Chaban-Delmas Crozier uma consistência diferente daquela dada pelo uso da expressão “sociedade bloqueada”? A concertação, o diálogo, a participação, a negociação substituirão as velhas relações que as instituições mantêm entre si e que mantêm com os indivíduos? Esse é o problema do sociólogo de estado. A forma como Bourdet faz as perguntas é bem diferente.

O exemplo de maio de 68, com suas consequências felizes para o afrouxamento de certos setores do Estado, incita Crozier a considerar o surgimento de crises simuladas, de crises “frias”, destinadas a desbloquear o sistema que se tornou incapaz de produzir relações sociais, responsáveis pela inovação por si mesmas. Para Bourdet, ao contrário, uma crise como a de maio de 68 não é um simulador artificial do sistema, mas uma etapa do processo socialista. O que para o sociólogo de Estado é “positivo” ou “recuperável” na crise, é precisamente o que é menos relevante da perspectiva revolucionária: a repetição de velhos erros, a reprodução das relações sociais estabelecidas e a possibilidade da classe dominante produzir a inovação de que necessita para garantir a permanência desta reprodução sem se congelar perigosamente.

Se Crozier se pronuncia a favor dos “investimentos institucionais”, Bourdet demonstra o lento progresso da ideia autogestionária na produção e na vida social. Crise fria: o Estado faz investimentos institucionais que podem assumir as seguintes formas:

- 1 – reestruturar a hierarquia informal de todas as administrações;
- 2 – desmembrar o imenso monólito da administração, dando autonomia às organizações com função de produção de bens ou serviços;
- 3 – criar instituições de educação permanente capazes de analisar o funcionamento de todas as instituições.

É claro que esses investimentos institucionais pressupõem créditos e, portanto, uma nova política orçamentária, para não dizer uma reversão da política atual.

Para Bourdet, as disfunções da administração e os bloqueios das organizações são chamados de “contradições da heterogestão”. A análise que ele propõe dessas contradições baseia-se na teoria marxista que Crozier rejeita com violência no cemitério

das luas velhas dogmáticas⁴. Ao admitir que o conceito de autogestão requer esclarecimento e despojamento de sua ganga ideológica e sentimental, Bourdet se empenha em articular esse conceito com os da teoria marxista. Onde Crozier sugere remédios que não procuram modificar a essência do modo de produção capitalista, Bourdet ataca diretamente a divisão do trabalho instituída e a falsa evidência que esta divisão do trabalho internalizada como racional e fatal continua a transmitir com ela por séculos. Para “desbloquear” a sociedade é preciso “libertar” Prometeu.

SOCIOLOGIA EXPERIMENTAL

Os materiais em que se baseiam os nossos dois autores também testemunham, pela diferença de origem, divergências teóricas e políticas. Crozier invoca os resultados obtidos pela sociologia e pela psicossociologia das organizações e tenta casar esses resultados com o projeto político da atual classe dominante iluminada. Bourdet, ex-integrante de *Socialisme ou Barbarie*⁵, usa como material a rica experiência do movimento operário internacional por mais de um século e tenta usar essa experiência coletiva em sua teoria da autogestão. É claro que esses dois métodos expressam duas posições de classe, dois tipos de relacionamento com as instituições e também duas concepções de produção científica e o papel da ciência na história. O ainda problemático conceito de autogestão indica uma estratégia de luta contra o sistema institucional existente, na medida em que este sistema, ao se identificar com a burocratização, não se contenta em ocultar as relações de produção, mas exerce sua violência permanente na cotidianidade das relações sociais. O conceito um tanto vago de organização indica uma estratégia de negociação entre as várias camadas rivais da classe dominante e entre a classe dominante e o proletariado. A relação com as instituições que esta estratégia pressupõe é feita de aceitação, crítica medida e sempre ideológica, com exclusão de qualquer crítica ativa e eficaz. Por trás da disputa entre essas duas concepções, é a própria natureza do estado que está em jogo. A luta anti e contra-institucional da corrente de

⁴ Luas velhas dogmáticas é uma expressão que significa “dogmas corriqueiros”, lugares comuns dogmáticos.

⁵ Bourdet atuou por um período no grupo “Socialismo ou Barbárie”, que teve como alguns de seus principais representantes Cornelius Castoriadis e Claude Lefort, representantes do autonomismo francês. O grupo se desfêz e os seus integrantes optaram por caminhos diferentes. Castoriadis aderiu ao paradigma subjetivista (tal como Lyotard e outros) e passou a efetivar críticas equivocadas a Marx em nome da “instituição imaginária da sociedade”, enquanto que Bourdieu, que saiu do grupo antes de sua dissolução, contribuiu com o desenvolvimento de um marxismo autogestionário (cf. VIANA, Nildo. Yvon Bourdet e o Marxismo Autogestionário. In: VIANA, Nildo (org.). *O Marxismo Autogestionário*. Goiânia: Edições Redelp, 2020).

autogestão, a luta institucional da corrente “organizacional” dirige-se, uma à face oculta do Estado, a outra à sua face oficial. O primeiro assenta na rejeição do mandato social (da ordem social) emanado do Estado e das instituições que lhe dão substância, enquanto o segundo assenta na aceitação “crítica” do mandato social e das ordens da ideologia do Estado. A ideia do desaparecimento do estado é o que, em última análise, legitima a teoria da autogestão, enquanto a ideia da manutenção eterna do estado é a metafísica profunda de sociólogos e gerentes liberais⁶.

O paralelo rápido e um tanto acadêmico que acaba de ser esboçado seria muito insuficiente se não se apontasse uma notável convergência metodológica entre Crozier e Bourdet. Claro, essa convergência não é imediatamente perceptível. Na verdade, diz respeito ao objetivo experimentalista dos dois sociólogos. Paradoxalmente, ambos estão dispostos a rejeitar ou pelo menos relativizar as grandes induções sociológicas, os discursos sobre a sociedade, as ondas da filosofia social que bastam para que muitos se autodenominem “sociólogos”. E, por outro lado, desconfiam de estudos empíricos, fragmentários, que vão multiplicando a atomização da totalidade em nome do “rigor” científico.

Ambos, à sua maneira, optam pela experimentação social como critério de verdade sociológica. Bourdet explora o imenso “índice” das lutas práticas da humanidade com o objetivo de reverter as relações sociais estabelecidas: quantas experiências lhe são oferecidas, entre a Comuna de 1871, os soviets na Rússia, na Alemanha, etc., as grandes tentativas em grande escala do anarquismo espanhol, da Iugoslávia, da Argélia, etc.!

Quanto a Crozier, se se limita a “experiências científicas ainda em número reduzido (visto que, por ora, estão reduzidas a pequenos grupos), não se desespera ao ver nascer uma sociologia experimental. Não podemos esperar uma síntese entre as duas correntes, consistindo em sintetizar a experiência do movimento operário e as experiências de sociólogos e psicossociólogos, sem esquecer as experiências semi-históricas, semi-científicas da corrente utópica ou socialista crítica (falanstério, comuna, coletivista, cooperativa, etc.)?

Somente esta síntese tornará possível formular uma teoria coerente de intervenção sociológica. As experiências do movimento operário são quase sempre espontâneas, até espontaneístas; elas vão além ou impedem as táticas e estratégias dos aparelhos e de seus teóricos. Os experimentos sociológicos ou psicossociológicos são terrivelmente limitados

⁶ O termo “liberal”, aqui, significa “conservador”, no sentido amplo do termo e não no sentido mais restrito do liberalismo como ideologia política.

pelas demandas “científicas” e, acima de tudo, ideológicas, dos experimentadores e seus patrocinadores. Um método como a socioanálise (análise institucional aplicada em situações concretas) oferece possibilidades de desenvolvimento de síntese, com a condição de não se sujeitar aos aparatos políticos, nem às instituições científicas ou Estado-padrão do sociólogo.